

BRI 0001 - Teorias e Práticas em Relações Internacionais

Ian Ikeda Pereira Ramos Camargo de Almeida
NºUSP: 10308203

Prof. Jacques Marcovitch
Prof. Pedro Dallari

aula 8 - 08/10/2020

Protagonismo da Ciência & Tecnologia na construção da nova era

convidado: Carlos Henrique de Brito Cruz

A aula começa com uma breve retomada da trajetória do Prof. Brito Cruz, e de como o gosto pela ciência e pela descoberta o acompanham desde o colégio até seus grandes trabalhos científicos dentro da universidade. Em suas palavras é possível entender que a ciência é um método para entender o mundo, e na Nova Era é ferramenta através das quais podemos criar os caminhos nos quais avançaremos rumo ao futuro.

Seguimos então com o tema da aula propriamente dito, porém o professor acrescenta Inovação aos termos Ciência e Tecnologia, no protagonismo dessa Nova Era. CTI (chamemos assim Ciência, Tecnologia e Inovação) são essenciais pro bem-estar da humanidade, e nesse sentido, realizamos o exercício de olhar para o passado para compreender o futuro e percebermos que o impacto da ciência em nossas vidas é uma realidade há anos, porém pode ser ainda maior!

É preciso que tenhamos em mente de como podem se dar esses impactos, e que é importante que sejam sociais, aumentando o bem estar das pessoas e beneficiem os bens públicos; econômicos, gerem renda, empregos, aumentem a competitividade; e intelectuais/científicos, aumentando nosso conhecimento sobre o mundo que nos cerca (a ciência “de base”).

Olhemos para o Brasil: a única economia industrializada que não depende exclusivamente do petróleo. Somos auto sustentáveis em energia, da qual 40% (dados de 2016) vêm de fontes renováveis (equiparável a países como Nova Zelândia, Noruega, Suécia e Islândia), sendo 17,2% da cana-de açúcar. O setor de bioenergia empregou em 2017 mais de 590 mil trabalhadores. E além de todos esses impactos, ainda ajuda na redução das emissões de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera, algo que não era relevante em 1975 quando começaram as pesquisas com a cana, mas que hoje torna-se um diferencial brasileiro na redução dos impactos ambientais (afinal o setor dos transportes é responsável por metade das emissões de CO₂ no país).

Além disso possuímos a terceira maior fabricante de aviões do mundo (Embraer); um retorno de 11x no setor de alimentos (isto é, cada 1 real em pesquisa agropecuária em SP dá 11 reais em produtos em alguns anos); avanços significativos na área da oncologia (e diagnóstico precoce de reincidência de tumores); grandes nomes em diversas áreas do conhecimento como filosofia, antropologia, sociologia, com reconhecimento nacional e internacional.

Com este cenário em mente, seria impossível negar o papel de CTI em nossas vidas, porém ainda temos um longo caminho de evolução rumo a nova era: e muitas oportunidades as quais podem ser aproveitadas.

Empresas como a Magnamed, financiadas pela FAPESP, ganham mercados internacionais e nacionais, ressaltando papel importante da pesquisa e do financiamento da mesma. Atualmente a pesquisa no Brasil está muito concentrada em Universidades e Institutos de pesquisa, um pouco diferente dos nossos vizinhos norte americanos: nos EUA, apenas em 2018, empresas investiram 329 bilhões de dólares em pesquisa e desenvolvimento, pesquisa esta feita principalmente dentro das próprias empresas.

Empresas são grandes concentradores de capital: as 717 empresas ativas fundadas por egressos da Unicamp faturam 7,9 bilhões de reais (quase quatro vezes o orçamento da universidade de aproximadamente 2 bilhões), já as que saíram da USP (1154 empresas, das quais seis valem mais que 1 bilhão de reais) faturam 60 bilhões, enquanto a universidade possui um orçamento de 4 bilhões ao ano. Porém, como transformar essas empresas, que possuem capital e interesses em atores da pesquisa?

Planos de colaboração entre Universidades e Empresas precisam ser fomentados ainda mais, contudo, mais do que isso, é necessário criar equilíbrio entre os interesses pela pesquisa, para que seus impactos sejam sentidos multilateralmente pela sociedade. Universidade e Empresas devem promover uma dialética entre criação de ideias novas e a atribuição de finalidades/aplicações para as ideias já “estocadas”, entre produzir conhecimento e resolver problemas imediatos.

No entanto, para que mais parcerias desse tipo possam acontecer, é necessário a criação de mais pesquisadores, e mais pesquisadores em empresas. Aqui entra nosso papel enquanto universitários, educados e educadores, sermos pessoas que não temem problemas, e almejam o saber, que ultrapassam as fronteiras do conhecimento através da ciência e que sejamos nós as pontes de conexão entre quem cria as ideias e quem as utiliza (as empresas), que possamos ser aqueles que conectam o mundo (buscando referências globais e não somente locais), e com esse espírito e aquele de resolver os problemas imediatos da Nova Era, possamos construir o papel da CTI no futuro para o qual nos encaminhamos.

aula 9 - 15/10/2020

A Ajuda Humanitária na construção da nova era

convidado: Simone Casabianca-Aeschlimann

Membro do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), Simone Casabianca nos conta um pouco sobre os princípios do Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (presente em mais de 100 países, com mais de 18 mil funcionários), que são: Humanidade, Imparcialidade, Neutralidade, Independência, Voluntariado, Unidade e Universalidade, tendo esses valores como ferramentas no cumprimento de sua missão - proteger a vida e a dignidade das vítimas de conflitos armados e outras situações de violência.

Denota-se de sua introdução o compromisso da ajuda humanitária com a prevenção do sofrimento humano, através da promoção dos direitos humanos universais discutidos nas Convenções de Genebra, o que inclui oferecer ajuda a imigrantes e refugiados, promover parcerias com organizações nacionais, e promover o direito internacional, para garantir o futuro das pessoas.

Contudo, a ação humanitária enfrenta desafios: os conflitos tornam-se cada vez mais duradouros (se comparados aos do passado); existe atuação cada vez mais forte dos Estados Paralelos (organizações criminosas, milícias, entre outras) onde o Estado não alcança a população, situação que exige novos esforços na promoção de diálogos (entre os humanitaristas e as comunidades); além de mudanças climáticas acentuarem não somente os conflitos (guerra por recursos), mas as consequências dos mesmos (privação das populações ao acesso a estes recursos). Além disso, cresce a necessidade da incorporação tecnológica em suas realizações (afinal migramos para uma Nova Era digital); e a sobreposição das crises que enfrentamos demanda um maior aporte de recursos.

A resposta para enfrentar essas dificuldades está na adaptação: a tecnologia encontra a ação humanitária como uma grande aliada, pensemos no papel crucial da internet e da comunicação virtual durante a chamada Primavera Árabe, onde os povos do norte da África e Oriente Médio reivindicavam melhores condições sociais e o fim das ditaduras as quais estavam submetidos; ou mesmo as transferências bancárias móveis (bastante presentes no continente africano) para apoio financeiro a população; e claro, na facilidade de denúncia e investigação de abusos.

Na questão de captação de recursos é necessário demonstrar que o limite entre ações humanitárias e desenvolvimento não é óbvio, estão intrinsecamente associadas, então capital humanitário é também capital para desenvolvimento, e portanto é capital para a melhoria do futuro. Já no âmbito do diálogo com as partes de conflitos, como o mundo torna-se cada vez mais multipolar, é necessário que haja uma intermediação cada vez mais neutra por parte dos humanitaristas, cada vez mais próximos às necessidades das comunidades de base. O objetivo da ação humanitária é ir de encontro às necessidades das pessoas, são ações humanitárias, não políticas, é sobre bem estar do povo e não a tomada de partidos ou a propaganda governamental.

Atores humanitários são voluntários, não recebem convites, mas oferecem ajuda, dessa forma, existe a responsabilidade não em tomar lados, mas unir os lados para o diálogo, e existe a necessidade de ouvir antes de falar, e observar antes de agir, evitando conflitos e promovendo a paz, para que possamos, independentemente do passado, garantir um futuro digno para todas as pessoas.

aula 10 - 22/10/2020

O Acordo de Paris na construção da nova era

convidada: Thelma Krug

Professora e Vice-Presidente do Painel Intergovernamental sobre Mudanças do Clima (IPCC), Thelma Krug inicia sua participação mostrando a importância da dedicação e da coragem em assumir desafios para a construção de uma carreira sólida. Nos mostra que gênero não limita a capacidade e ação, e enfatiza a necessidade de encontrar equilíbrio entre vida familiar e profissional.

Entrando no tema da aula propriamente dito, falamos sobre a criação do IPCC em 1988 e sua produção científica, que traz aspectos científicos, técnicos e socioeconômicos, de forma neutra e sem caráter prescritivo, que sejam relevantes aos governos para a tomada de decisões. O painel objetiva construir a ponte entre ciência e políticas públicas, contudo, no mundo cada vez mais multipolarizado em que vivemos, e sabendo que o clima é um sistema global, é necessário a união entre muitos países no combate às mudanças do clima.

Neste contexto surgem as chamadas Convenções do Clima, a fim de debater impactos e promover medidas de mitigação frente às mudanças climáticas. Existem vários desafios neste debate: o negacionismo científico, a necessidade de fazer valer o princípio das responsabilidades comuns porém diferenciadas, e a criação de objetivos mensuráveis. Surge então então o Protocolo de Kyoto (assinado em 1997), que trata da emissões de gases de efeitos estufa e traz metas de redução de forma definida, além de mecanismos como comércio de emissões de emissões, implementação conjunta de planos, certificação de emissões, entre outros.

Contudo, vivemos a era globalizada (econômica e ecologicamente) necessita de novas estratégias, através das quais entra em ação o Acordo de Paris (assinado em 2016), que não apenas utiliza ciência como instrumento de decisão, mas que interliga regime climático e governança global ambiental. O objetivo é a redução do aquecimento aquecimento e manutenção abaixo dos 2°C acima dos níveis pré-industriais, e é necessário a atuação de cada governo nacional para concretização da meta global.

A grande moeda do Brasil é o uso da terra para redução das emissões, que é tanto um desafio quanto uma oportunidade. Desafio pois ao tomarmos como base o ano de 2005 para a redução de nossas emissões e com o desserviço prestado ao setor ambiental pelos atuais governos, temos criado uma má imagem internacional do país, incapaz de cumprir com seu compromisso, contudo é uma oportunidade de revermos conceitos!

Há um ditado budista que diz "*apenas nas grandes dificuldades pode-se realizar as maiores mudanças*", temos a oportunidade de entender que combustíveis fósseis e industrialização não são o futuro, de vencermos a ideia retrógrada que desmatamento é desenvolvimento (herança dos anos de ditadura), e compreendermos que o progresso só pode ser atingido se aliado a políticas ambientais, ao uso de energia renovável, as novas formas de cultivo e aproveitamento de solos, ao manejo sustentável de florestas nativas e restauração de milhões de hectares (forma de redução do carbono atmosférico através da fixação do mesmo pelas plantas), afinal apenas redução das emissões não será suficiente para reverter o quadro em que nos encontramos (e garantirmos um futuro para o mundo, já que o aquecimento global põe em risco a vida de todos que habitam o planeta).

aula 11 - 29/10/2020

Uma nova economia para uma nova era

convidada: Viviane Romeiro

A aula começa com um breve relato sobre a trajetória da convidada, onde Viviane Romeiro nos ensina que nossa formação não é barreira para construirmos nossa carreira e que, como ela, somos capazes de alinhar ciência e política, ou qualquer outras áreas a que nos entreguemos nessa nova era, contudo é necessário fazer contatos e aproveitar oportunidades ao máximo.

Rumando para o tema da aula, Viviane trabalha no World Resources Institute (WRI), um instituto de pesquisa global que oferece soluções sustentáveis em diversos setores da sociedade. Comenta sobre o trabalho Nova Economia para o Brasil (NEB), que busca traduzir os desafios ambientais e as oportunidades econômicas para os tomadores de decisão, para que seja possível transformar a necessidade de uma economia mais sustentável em uma oportunidade para trazer benefícios ao país.

Nessa busca, é levantada a seguinte questão: deve-se tratar do plano de fundo ambiental através de uma ótica econômica ou do plano de fundo econômico sob uma ótica ambiental? Um crescimento econômico sustentável exige preceitos sociais e ambientes para que reduzir as pobreza e a desigualdade: segundo os modelos do NEB uma economia verde fará o Brasil crescer mais na próxima década (535 bilhões de dólares, com aumento de pelo menos 2 milhões de empregos) que no modelo de desenvolvimento atual.

E é necessário entender que “crescimento verde” não é uma ruptura de práticas, é a priorização de vantagens comparativas e boas ações já existentes, é o aperfeiçoamento de setores chave como infraestrutura, indústria e agricultura para enfrentar as crises, por exemplo, investir mais em estruturas resilientes a eventos extremos, em projetos de energia sustentável, em agropecuária sustentável e mais produtiva (afinal mais de 50 milhões de hectares brasileiros produzem menos que 50% da sua capacidade), na redução do desmatamento, e na integração de setores.

Na Nova Era para qual nos encaminhamos é preciso ter em mente que o potencial competitivo das vantagens comparativas brasileiras (em setores como bioenergia, produção de commodities, emissão de títulos verdes e mercado de carbono) só será alcançado se houver união entre os setores sociais e governamentais, entre a ciência e a política, entre governança social e ambiental, é preciso (e temos propostas como o NEB) para que repensemos o uso do solos e florestas, o setor agropecuário, o consumo e produção de energia, o papel da indústria e as políticas de descarte e processamento de resíduos sólidos, de modo que estas áreas “chave” promovam inclusão social e responsabilidade ambiental.

Na Nova Era é importante entendermos que a riqueza de uma país não está somente em seu dinheiro, mas em sua capacidade de acabar com as pobreza econômicas, sociais e ambientais, isso é produzir riquezas. Talvez faça sentido nesse contexto a frase da ex-presidente Dilma Rousseff “país rico é país sem pobreza”, e a maior pobreza que temos não nos apoiarmos em uma economia verdadeiramente sustentável.

aula 12 - 05/11/2020

Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS 2030) e suas metas

Na fase final da disciplina, o Professor Jacques Marcovitch nos brinda com uma reflexão do caminho traçado até então, num primeiro momento (aulas até 08/10) fomos apresentados à diversos conceitos e princípios, que nos ajudam a sublinhar as crises as quais vivemos na transição da Nova Era. A geopolítica mundial passa por profundas transformações, migramos da era industrial para a tecnológica e nos envolvemos em uma série de incertezas sobre a construção do futuro. Sobre que valores e princípios esta Era será construída?

Durante muitos anos tivemos (e este movimento ainda é forte) a associação de capital bruto a desenvolvimento, medindo o progresso de um país simplesmente pelo seu PIB. Solidariedade e humanitarismo trouxeram a necessidade de uma medição “mais humana”, onde desenvolvimento humano deve ser contabilizado, porém falta inclusão do desenvolvimento ambiental, a qual os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para 2030 (ODS) vêm de encontro, promovendo a integração de várias dimensões, vencendo as ideias de progresso e substituindo-as pelo desenvolvimento sustentável que garantirá o futuro da humanidade.

Seguimos então com as palavras do Professor Pedro Dallari, que nos relembra o compromisso do curso em propiciar uma melhor compreensão, por parte dos alunos, do contexto mundial em que estamos inseridos e do nosso papel nesse cenário complexo. E para isso construiu-se a segunda parte do curso: mais “especializada” que a primeira, onde os convidados nos iluminam com seu protagonismo e seus caminhos para uma vida que possamos chamar de significativa em meio a tantas crises.

Aqui vale uma retomada histórica sobre crises globais, primeiro pois existe um movimento em que crises são sucedidas por processos de fortalecimento do multilateralismo que ajudam na recuperação da sociedade (vejamos a articulação internacional e cooperação global que cultiva-se por conta do covid-19). Em segundo lugar, pois a globalização não chega a todos os povos, o que favorece movimentos nacionalistas insatisfeitos com as organizações políticas de seus países, alimentados por intolerância e xenofobia.

Em terceiro lugar, e sabendo dos outros dois movimentos, e assumindo que as pessoas estão conectadas para além das fronteiras dos governos (pela internet, por exemplo), há a aceleração de tendências já existentes (notamos até nos aspectos da vida cotidiana, como a migração pro *home office*), então a reestruturação da sociedade não se dá necessariamente por rupturas, mas pelas práticas que se mostram boas, isto é, pelo resgate das boas experiências.

Portanto entra em cena o papel da terceira parte do curso, na qual os alunos serão atores das aulas, e as ODS serão abordadas dada sua relevância como “Estrela Polar” para a construção da Nova Era. Esse protagonismo se dará pela execução de projetos que possibilitam o exercício de pensarmos em como transformar o presente em algo almejavél para o futuro.

Explicado pelo colaborador Diogo Maior, o projeto consiste em exercitar as capacidades de gestão, de pensamento crítico, de resolução de problemas dos alunos, através da cooperação internacional, definindo objetivo e, dentro de certos limites, encontrando resultados. Um exercício não simples, mas que pode ser extremamente recompensador para os envolvidos (alunos, e nossos currículos).

Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS 2030) e suas metas

A participação dos alunos se deu através de quatro apresentação de grupos compostos por alunos de diferentes unidades em grupos bastante heterogêneos.

O primeiro grupo apresenta o projeto “**Nova Infraestrutura Educacional para uma Nova Era**”, baseados no **ODS 4 - Educação de qualidade**, com a meta 4a. e trazem de maneira bastante relevante o panorama das escolas brasileiras quanto à infraestrutura básica (muitas das quais enfrentam escassez de recursos essenciais, como água potável, principalmente na região norte do país), o acesso a recursos tecnológicos (acesso à internet e/ou computadores) e as dificuldades agravadas pela pandemia do coronavírus. Propõem medidas que reduzam significativamente a exclusão do ensino; reforcem o multilateralismo entre empresas, escolas e governos; e desenvolvam projetos de educação bem sucedidos já existentes.

O segundo grupo aborda o **ODS 9 - Indústria, inovação e infraestrutura**, focando na meta 9.4, trazem o tema da construção civil, com um viés bastante surpreendente ao propor de maneira praticável e factível a utilização de recursos, reutilização e reciclagem na diminuição dos impactos gerados pela produção de concreto. O projeto não apenas apresenta metas bem definidas (diminuição dos custos em 50% no próximos 20 anos), como determina os atores (governo, empresas e universidades) para a obtenção de um resultado que beneficia toda a população de formas diretas e indiretas.

O terceiro grupo, com o projeto “**Juntos contra a pobreza**”, escolhem a meta 1.5 do **ODS 1 - Erradicação da pobreza** com um projeto ousado, que nos faz lembrar o motivo dessa ODS receber o 1º número: os projetos globais só terão sucesso se combaterem as desigualdades sociais. O grupo traz um panorama geral da pauta de pobreza no Brasil e no mundo, e propõe a difícil tarefa de criar resiliência nas comunidades mais vulneráveis, usando exemplos mundiais de como políticas de bem estar social estão associadas não somente a redução da pobreza, mas ao desenvolvimento humano. O trabalho traz como público beneficiário as comunidades mais pobres, contudo, devemos lembrar que como uma pessoa é incapaz de acender a luz apenas para si em uma sala lotada, toda a sociedade é iluminada através da redução das desigualdades.

O quarto e último grupo trabalha com o **ODS 13 - Ação contra mudança global do clima**, e traz como título do seu projeto “**Restauração de florestas, conservação e exploração sustentável de Unidades de Conservação na região amazônica: rumo a economia verde, diminuição de emissões de CO2 e empoderamento das comunidades tradicionais da região até 2030**”. Um título extenso que remonta a importância do tema, bem como o árduo caminho que devemos trilhar para para fazermos cumprir essa meta, afinal, como bem apontado pelo grupo o Brasil é o 5º maior produtor de Gases do Efeito Estufa e desde 2012 o desmatamento subiu 114% na Amazônia. O projeto evidencia medidas que reforçam que a floresta em pé traz muito mais riqueza que derrubada, e propõe a integração de órgãos ambientais, das comunidades tradicionais e do governo para obter riqueza inestimável nos âmbitos social, ambiental, econômico e global, cumprindo as metas estabelecidas pelos ODS.

Os projetos não apenas inspiram aqueles que atuarão na Nova Era, mas dão esperança e mostram que é possível, com as limitações que temos, criar projetos e soluções de altíssimo nível para um mundo mais digno e igualitário.

Educação e Geração de emprego/renda nos ODS 2030

De maneira bastante pertinente, mais quatro grupos puderam nos agradecer com apresentações de altíssimo grau. O primeiro grupo apresenta o projeto “**Como alimentar o consumo sustentável?**”, indo de encontro a meta 12.3 da **ODS 12 - Consumo e produção sustentáveis**. O grupo traz dados impressionantes sobre desperdício de alimentos (dezenas de milhões de toneladas ao ano), e vêm com soluções que além de diminuir este desperdício, diminui o número de pessoas em situação de insegurança alimentar grave (em São Paulo existe pelo menos um milhão de pessoas enquadradas neste caso), reduzindo a fome nos centros urbanos e trazendo qualidade alimentar para pessoas necessitadas.

O segundo grupo aborda o **ODS 2 - Fome e agricultura sustentável**, com foco nas metas 2.3 e 2.4, traz dados interessantes sobre a gestão familiar da agropecuária brasileira (23% de toda área está sob esta forma de gestão), e produção de alimentos no país e como poderíamos aproveitar nossa vantagem comparativa como produtores de alimento, para sairmos novamente do mapa da fome. Trouxeram exemplos internacionais como a Holanda, como prova de que é possível dobrar a produção e a renda e conseguir métodos que resistam às mudanças climáticas (que afetam significativamente a produção agrícola).

O terceiro grupo, sob os objetivos do **ODS 1 - Erradicação da pobreza**, com o projeto “**Incentivos econômicos na erradicação da pobreza: o papel do turismo rural**” ressaltando a desigualdade que existe entre os centros urbanos e as comunidades rurais (estas atingidas por índices de pobreza 4 a 5 vezes maiores que no meio urbano). O grupo propõe, como feito na China, a redução da pobreza através de programas de turismo, da parceria público-privada e da circulação de capital (que gera empregos e enriquecimento social), favorecendo as vantagens comparativas de cada região.

O quarto grupo foca na meta 16.10.1 da **ODS 16 - Paz, Justiça e Instituições eficazes**, e projeta a criação de um banco de dados unificado sobre ofensas à atividade jornalística e de defesa dos direitos humanos, assegurando a proteção e a luta pela preservação das liberdades fundamentais da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Mais uma vez de forma exemplar os grupos mostram seu comprometimento com o objetivo da disciplina e mostram que sim, é possível criarmos o futuro significativo, e sim, podemos nós sermos os atores da Nova Era.

aula 15 - 26/11/2020

Encerramento, avaliação final e avaliação das disciplinas

Na aula de encerramento o Professor Jacques Marcovitch nos convida olhar para nossa caminhada em 2020 até agora, reconhecer nas aulas que vimos as tendências que sublinham o aparecimento da Nova Era. Visitamos ao longo do curso dimensões demográficas, geográficas, tecnológicas, econômicas, ecológicas e políticas, que constituem o panorama geral do mundo que enfrentaremos no futuro. E como se preparar para 2021?

O ano de 2021 traz grandes esforços da comunidade científica, principalmente da área de saúde; traz também uma alteração no quadro geopolítico mundial, a eleição de Biden e a reinserção dos EUA no Acordo de Paris afeta o multilateralismo e consolida uma agenda ambiental mais sólida, o Brasil recebe novo papel nas relações internacionais; a China pretende colocar em prática a integração de um novo bloco econômico no continente Asiático. Não seria exagero então dizer que o próximo ano promove um salto civilizador, com aumento do protagonismo científico e democrático fomentados pelas crises vivenciadas até agora.

Em meio a isso, o Professor Pedro Dallari ressalta a incerteza do futuro e o comprometimento da disciplina em nos educar para esta falta de certezas. Fica então os legados da disciplina, enquanto critérios analíticos que aprendemos para vivenciar o mundo das incertezas: reconhecer o ambiente em que vivemos, afinal nada substitui o contato com a realidade; considerar que as sociedades evoluem, e não rompem, mas aceleram tendências já existentes; observar o mundo sob a ótica da multidisciplinaridade (em todos os aspectos possíveis); e integrar em nosso cotidiano os múltiplos aspectos da vida, criando nossa bagagem, a nossa “mala do imigrante” (que foi citada na primeira aula do curso) que levaremos conosco por toda nossa caminhada.

Temos a participação de um último convidado Keyvan Macedo, que nos conta brevemente como se preparar para 2021 e como a pandemia nos permite reconhecer pontos de fragilidade que necessitam de aperfeiçoamento. Nos conta de seu trabalho na Natura e como pôde, através de uma empresa lidar com as mudanças climáticas globais, demonstrando que não somente o setor público, ou o terceiro setor devem estar comprometidos com essas boas práticas, mas também as empresas, e que apenas com essas práticas poderemos buscar um mundo onde as pessoas vivam de maneira realmente significativa.

Como conclusão, carrego comigo a mensagem mais importante que absorvo deste semestre enriquecedor. Somos todos humanos, vivemos todos sob o mesmo teto, chamado Planeta Terra. Pessoas são um grupo heterogêneo e o multilateralismo governa nas relações humanas. Entendo então que para vencermos as crises, para atuarmos como os “engenheiros” dessa Nova Era, devemos não apenas olhar a pluralidade do mundo, mas vivê-la, isto é, entendermos que todas as esferas se conectam, como se conectam as engrenagens de um grande relógio e cada pequena engrenagem é essencial e indispensável para a marcação do tempo: estes somos nós inseridos no mundo, pequenas engrenagens de um relógio, mas com a força de “passar horas”, ou melhor dizendo, de construir uma vida capaz de mudar o mundo.